



Tipo de Documento:	(DI-68)
País:	(BRASIL)
Tipo de Seção:	(CACAT)
Ponto da Agenda:	(12.1)

Ampliação do gradiente latitudinal de ação dos projetos do PROANTAR visando a pesquisa de bioindicadores frente à mudanças climáticas

Ampliação do gradiente latitudinal de ação dos projetos do PROANTAR visando a pesquisa de bioindicadores frente à mudanças climáticas

JUSTIFICATIVA DA PROPOSTA

Considerando que uma das prerrogativas do Tratado Antártico Internacional é o acesso a informações científicas de ponta sobre os efeitos das mudanças climáticas, ou melhor, das mudanças meteorológicas e oceanográficas sobre os ecossistemas Antárticos e seus organismos, sugere-se a ampliação do gradiente latitudinal e longitudinal de ação do Programa Antártico Brasileiro (PROANTAR) em colaboração com programas antárticos de países Sul americanos. Atualmente, navios polares oceanográficos da Marinha do Brasil, operam em geral entre os paralelos 60° e 62°S, por determinadas restrições estruturais e logísticas, não acessando áreas como o Mar de Weddell e de Bellingshousen (entre os paralelos 63° e 70°S).

Em termos biológicos, para acessarmos dados científicos sobre bioindicadores de mudanças climáticas, a primeira prerrogativa é trabalhar em uma ampla malha amostral, ou seja, em um amplo gradiente latitudinal e longitudinal. Em contrapartida, os principais organismos indicadores e potenciais modelos para estudos de mudanças climáticas são: 1 - macroalgas por serem organismos autótrofos, base de cadeia alimentar e extremamente sensíveis a mudanças abruptas das condições físico-químicas da água do mar; e 2 - fungos marinhos, por serem organismos decompositores e que participam ativamente da ciclagem de nutrientes nestes ecossistemas, sendo igualmente sensíveis a mudanças de temperatura e variações de pH.

Pellizzari et al. (2017) representa um dos estudos pioneiros que abordou comparativamente a diversidade de macroalgas como bioindicadora de mudanças climáticas na Antártica Marítima, realizando amostragens em oito ilhas do Arquipélago das Shetland do Sul, ou seja, em gradiente latitudinal maior do que os estudos ficológicos pretéritos realizados na área. Porém, para acesso a dados mais consistentes de aumento da distribuição biogeográfica de macroalgas e de fungos associados, além de outros organismos marinhos, um dos **efeitos biológicos das mudanças climáticas**, se faz necessário acessar uma maior área amostral, que englobaria não somente o Arquipélago das Shetland do Sul, mas também ilhas do Mar de Weddell (EAP, a leste da Península Antártica), e ilhas ao sul do Estreito de Guerlache, sob influencia do Mar de Bellingshousen, que precede o Mar de Ross (WAP, a oeste da península Antártica).

Desta forma, sugere-se a discussão de três alternativas de ações:

- 1- Estabelecimento de cooperações internacionais consistentes com países que já atuem ou que possuam bases / estações científicas nestas áreas;
- 2- Embarque em conjunto com países que possuam navios quebra-gelo e/ou aeronaves capazes de aterrissar nas regiões do Mar de Weddell e Bellingshousen;
- 3- Apoio do PROANTAR a projetos bipolares, ou seja, atuantes tanto na Antártica quando no Ártico, os quais têm potencial de fortalecer as hipóteses e respostas sobre os padrões de câmbios climáticos globais, assim como de suas medidas de mitigação, ampliando nossa rede de cooperações internacionais com países do Ártico europeu, canadense, russo e norte americano.